

A emergência de identidade social em entrevista falada

Marcela Moura Torres*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo:

O objetivo deste trabalho é mostrar como a linguagem de indivíduos apresenta marcas lingüísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em diálogos entre informante e documentador e entre dois informantes pertencentes ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto Nurc/SP) e de Recife (Projeto Nurc/RE).

Hoffnagel (1999:81) comentando Ochs (1993:289) esclarece que *“a identidade social é formada de uma gama de personae sociais que pode ser invocada ou atribuída ao longo da vida, não sendo, portanto, fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes como faixa etária, sexo, profissão, etc, dependendo de com quem se está interagindo.”*

Nesta pesquisa, focalizo uma das dimensões da identidade social: identidade de faixa etária em diálogos entre informante e documentador e dois informantes pertencentes ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto Nurc/SP) e de Recife (Projeto Nurc/RE). A opção de se trabalhar com este gênero textual encontra-se no fato de este conter recursos lingüísticos que revelam o estereótipo: “os tempos antigos eram sempre melhores” e que transmitem a construção, projeção e manutenção da identidade social de faixa etária. A fundamentação teórica utilizada para a realização deste trabalho concentrou-se em Hoffnagel (1999) e Preti (1991).

1. Fundamentação Teórica

Conforme Preti (1991), existe no Brasil e praticamente em todo o mundo o aumento preocupante da população idosa. A despeito dessa situação, longe de os idosos merecerem uma maior atenção da comunidade, o que se nota é que a idade vem constituindo-se, cada vez mais, num fator crescente de discriminação social. A linguagem dessa faixa etária apresenta marcas específicas que podem ser vislumbradas nos campos prosódico, sintático, léxico e, sobretudo, discursivo ou conversacional e pode ser estudada em três perspectivas que mantêm pontos de ligação e não são estáticas: a de caráter cultural, social e psicológico individual. Na perspectiva de caráter cultural existe a concepção de que os idosos devem ter um papel específico na sociedade em que vivem, de acordo com a tradição cultural a que pertencem; na segunda perspectiva, a de caráter social, há a visão de que a sociedade possui uma postura em

* Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Trabalho desenvolvido no Projeto Integrado: “Fala e Escrita: Características e Usos III” e mais especificamente, no subprojeto “A Emergência da Identidade Social na Atividade Discursiva Falada e Escrita”, sob orientação da prof^a Judith Hoffnagel.

relação aos idosos e, de acordo com ela, processam-se as relações sociais entre os velhos e os demais grupos etários; e por último, na perspectiva de caráter psicológico individual encontramos a idéia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser.

Considerando-se a questão da faixa etária, é possível afirmar que, em geral, o envelhecimento afeta sua condição de relacionamento social pela linguagem. Assim, as causas de natureza física, decorrentes da idade, que interferem, de maneira às vezes decisiva, nas atividades de pessoas mais maduras, quer sobre sua vida exterior, quer sobre suas reações psíquicas, seu poder de reflexão e análise, atingem consideravelmente sua capacidade comunicativa e receptiva e, por consequência, a própria habilidade conversacional.

Segundo Preti (1991), as marcas lingüísticas próprias da linguagem de pessoas mais maduras decorrem não só da idade, mas principalmente das relações entre elas e a comunidade em que vivem. Essas marcas podem ser de várias naturezas: prosódicas, sintáticas, léxicas, discursivas ou conversacionais. Neste trabalho, evidenciaremos as marcas lingüísticas sob o aspecto conversacional, onde se revela a importância da categoria tempo e a presença constante do passado, como um ponto de referência constante para o discurso que, ainda quando centrado em temas do presente, se articula com base em duas realidades, a do ontem e do hoje. Em geral, pode-se dizer que o levantamento das características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diversos níveis de análise, mostra-nos que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens reside muito mais na intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente a traços específicos. É o que ocorre com as repetições e suas várias espécies, com os anacolutos, com as parentéticas e, sobretudo, com as pausas, as hesitações e as autocorrekções.

Conforme procura demonstrar Preti (1991), a intensificação desses elementos na linguagem das pessoas mais velhas se deve a fatores naturais, psicofísicos (maior lentidão das reações na comunicação ativa ou receptiva, os problemas de audição e memória) e a outros de natureza sociocultural, como a situação estigmatizada dos velhos na sociedade contemporânea, o que lhes acarreta uma insegurança manifestada em todos os atos de sua vida e, muito particularmente, no seu discurso. Mas, estas variações dos processos de repetição e nas autocorrekções, que interferem na fluência do discurso de pessoas mais velhas, mecanismos estratégicos que elas utilizam para compensar problemas de disfluência que ocorrem ao nível prosódico e para os quais esses falantes não têm solução, lhes permitem sustentar o andamento, isto é, apesar de tudo, seu discurso é levado adiante.

Os lapsos de memória constituem um dos problemas mais importantes para a perda do ritmo normal na fala de pessoas mais velhas. No entanto, segundo mostra Preti (1991), a rememoração se torna mais fácil com acontecimentos ocorridos há mais tempo do que com acontecimentos mais recentes, desta forma, percebe-se que as pessoas mais velhas constroem boa parte de seu discurso, relacionado com um passado sobre o qual ainda têm pleno domínio de memória; ao qual, ainda, de certa forma, está muito preso; e dentro do qual estão acontecimentos, lugares, coisas, pessoas, frases, que fazem parte, ainda de sua história e de sua maneira de analisar o tempo presente: *"Para os idosos, talvez mais do que para qualquer outro período de*

idade, os lugares são repletos de memória e, como interlocutores, os locais das narrativas pessoais podem adquirir imediatamente uso interacional, por meio de memórias relacionadas com pessoas públicas ou eventos". (Boden e Bielby (1986:77) apud Preti (1991:81)).

A rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso do idoso e é feita por meio de vários tipos de informação, que vão desde as datas constantemente citadas para situar o que os falantes chamam de "nosso tempo", até as indicações de lugares, menção a objetos, valores monetários, marcas comerciais, pessoas, instituições, acontecimentos públicos situados no passado. Essas informações pertencem à história da vida de cada um dos falantes; em geral trata-se de uma experiência compartilhada por ambos e, às vezes, são citadas incompletamente, porque pressupõe o conhecimento do ouvinte.

As informações sobre o passado, que transparecem constantemente no discurso do idoso, muitas vezes são expressas por um léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Neste sentido, podemos dizer que as categorias espaço e tempo podem transparecer nas seguintes marcas lexicais: *Arcaísmos* (utilização de vocábulos, formas de construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores nas quais eram vigentes), *Arcaísmos gírios* (vocábulos que têm referentes limitados no tempo e oferecem, não raro, sérias dificuldades de compreensão para os ouvintes mais jovens, podendo ter significados diversos em outras épocas e lugares), *Expressões Formulaicas* (são as frases-feitas, provérbios, refrões, expressões que, muitas vezes, remontam à sua infância. A melodia e a rima que, não raro, as acompanham, favorecem a permanência na memória) e as *Formas de Tratamento* (que constituem um dos índices sociolinguísticos mais expressivos, para evocar as relações sociais entre falante/ouvinte).

Embora haja algumas marcas lexicais do tempo, na fala das pessoas mais velhas especialmente, devemos reconhecer que nem por isso essa linguagem se tornou ininteligível aos mais jovens, mesmo porque os próprios idosos se encarregam de buscar artifícios para explicar os arcaísmos, as expressões formulaicas fora de uso, a gíria de seu tempo. E são esses artifícios que constituem precisamente as marcas mais expressivas da linguagem desse "grupo social".

O passado como fonte tópica, como regulador da estrutura tópica discursiva, pode fornecer-nos outras pistas para a compreensão da linguagem dos idosos. De fato, fatores socioculturais agem sobre esses falantes, levando-os a estruturarem seu discurso dentro de parâmetros diversos dos realizados pelos falantes de outras faixas etárias. Preti (1991), nos mostra que o estudo da topicalidade no discurso, de certa forma, lembra a própria intuição popular que costuma estigmatizar alguns hábitos linguísticos dos falantes idosos, classificando-os de "conversa de velhos", pelas constantes remissivas ao passado ("No meu tempo...").

É justamente no sentido de valorizarem seu tempo ou de se mostrarem integrados na sociedade em que vivem, que as pessoas mais velhas escolhem com habilidade o inusitado de suas narrativas e avaliam seus pormenores em função das necessidades da interação verbal, considerando os próprios valores e os do ouvinte ou audi-

ência. Enfim, nos esclarece Preti (1991) que sendo um artifício que se vale fundamentalmente da categoria *tempo*, as narrativas demonstram o quanto a vida dos falantes mais velhos permanece centrada no passado. Buscando no arquivo da memória fatos para ilustrarem suas idéias, os “idosos velhos” vão acumulando uma preciosa documentação da longa “viagem no tempo” a que costumam entregar-se durante a conversação.

2. Análise do Corpus

Tendo em vista os pressupostos teóricos mencionados acima, é chegado o momento de aplicação da teoria aos diálogos selecionados.

Os exemplos 1 e 2 tratam-se do diálogo nº 242 entre informante e documentador (DID) que pertence ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), registrado em 18/10/1974 e com 40 minutos de duração. Esta entrevista tem como tema o ensino e a igreja e como informante uma mulher de 60 anos, solteira, bibliotecária, natural de São Paulo com pais nascidos em Itu (SP).

Ex. 1

- Doc. a senhora que passou grande parte... éh... se dedicando ao Mackenzie... eu gostaria de saber como foi a época... de...éh... a senhora como aluna... a época... o ensino... na sua época e o ensino atual no Mackenzie... houve GRANdes modificações?
- Inf. houve grandes modificações...o o ...quando... eu fiz... o meu curso... o Mackenzie tinha um curso EXcelente... e:: pró::prio... (...) nós poderíamos entrar diREtamente na escola de Engenharia ou de Arquitetura sem fazer vestibular... isto todos os meus colegas entraram assim... (...) os professores antigamente se dedicavam deMAIS aos alunos... porque em geral eles eram professores de POUcos colégios... e então os traba:lhos que nós tínhamos que fazer... e que os professores corrigiam... porque Tinham tempo para isso... é claro... que ao serem desenvolvidos os alunos... os alunos aproveitavam muito mais... viam todos os erros cometidos... comentavam-se os erros dos colegas e... com isso nós todos podíamos ter um resultado muito melhor... do nosso estudo... HOje... nós vemos um quadro completamente diferente... não no Mackenzie só... mas em todos os estabelecimentos de ensino... vemos classes superlotadas... professores com... não podem se manter com... dando poucas aulas né? A situação financeira obriga o professor a dar MULTas aulas...

então ele não pôde fazer as correções dos trabalhos dos alunos como eram feitas antigamente... de maneira que o ... o ensino sofreu... uma porção... de... de influências más...

(L.115-165)

Ex. 2

Doc. e as igrejas? A apresentação das igrejas ... é a mesma de antigamente?

Inf. não... isso nós estamos vendo igrejas completamente diferentes né? E:: também eu acho que estão caindo num exagero... porque ... antigamente as igrejas eram... ahn... muito cheias de imagens... um ambiente que também... não era... ahn... tão acolhedor... então começaram a evoluir... mas temos também igrejas que... a meu ver... não agradam não é?(...) hoje eu até... me aborreço quando eu vou visitar de ver Todo mundo fazendo da igreja um museu... então desapareceu a religiosidade... todo mundo fica "olhe mas que coisa" analisando... as peças... analisando então não é mais um ambiente religioso não é? É um ambiente artístico... então é a ... a peça... é barroca... é isto é aquilo mas quer dizer que então ninguém está lá dentro com espírito de religião... e:: essas igrejas que são ahn... modernas... mas sem exagero... ainda tendo suas imagens... eu tenho a impressão que Fala mais... ao coração... do católico... porque o católico se acostumou a isso... e sente assim... porque esta::: ahn... vamos dizer essa questão de religião assim TÃO abstrata... talvez seja justamente porque eu fui criada num ambiente diferente... quem sabe se essa geração atual... sendo agora criada nesse ambiente... enCONTre... conforto nessas igrejas peladas... vazias... sem nada... apenas é uma casa como outra qualquer... e... e eu admito a hipótese deles... sendo criados aí sentirem... mas eu sinto esse ambiente de religiosidade... numa igreja extraordinariamente moderna... eu tenho a impressão que precisa ser um meio termo... pelo menos pra mim... precisa...

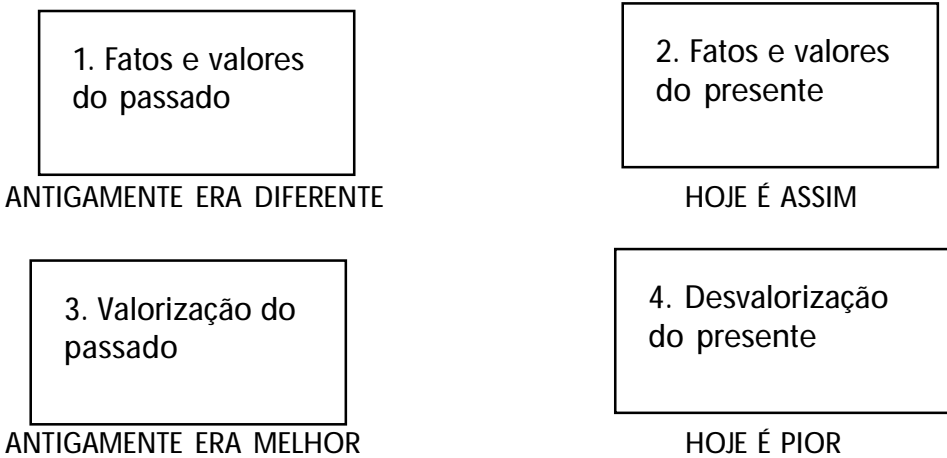
(L. 639-673)

Nestes exemplos, observamos um tema de natureza rememorativa; a informante realiza uma reminiscência onde mostra como era o ensino no Instituto Mackenzie e

os professores (exemplo 1) e a igreja (exemplo 2) antes e agora, desta forma, ela revela a sua identidade de faixa etária confrontando costumes e valores antigos e atuais e deixando evidente a idéia de que o Instituto Mackenzie, os professores e a igreja de antes eram melhores que agora.

O ontem é marcado temporalmente na conversação pela forma indefinida “antigamente”, já o presente é representado pelo marcador temporal “hoje”. Fundamentando-se em Preti (1991) pode-se observar que a comparação passado/presente nesta conversação parte da implicitude do estereótipo: “os tempos antigos eram sempre melhores”.

Poderíamos, então, dizer que a estrutura tópica se sucede com freqüência, em torno do esquema:



Os exemplos 3 e 4 foram extraídos do diálogo nº145 entre informante e documentador (DID) que pertence ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta do Recife (Projeto Nurc/RE), registrado em 18/09/1978 e com 45 minutos de duração. Esta entrevista tem como tema a família e o ciclo da vida e como informante um homem de 62 anos, advogado e professor e com formação em filosofia e direito.

Ex. 3

Inf. bem... eu entendo que o casamento da minha época... era:... muito mais bonito muito mais solene... do que esse casamento da atual... MESMO o casamento religioso... porque a gente vê... certos casais e não quero atingir de maneira alguma a quem quer que seja... que vão para a igreja cumprir apenas uma obrigação social... quando o casamento religioso não É obrigação social... é obrigação re-li-giosa (3s) o: o namoro do meu tempo... era muito diferen:te... de hoje... porque naquela época há: cinquenta e tantos anos atrás... a gente quando via... uma moça e resolvia namorá-la... procurava priMElro... a família da moça... conversar com o pai conversar com a mãe... dePOIS de conversar com o pai... para por meio deles chegar àquela pessoa... hoje não... hoje as moças... trazem pra CASA... os namorados... “papai esse é meu namorado...

mamãe esse é meu namorado"... eu NÃO SOU contrário a isso não... eu acho que está certo que a escolha é deles... então o jovem pode trazer sua namorada e apresentar ao pai... "papai esta é a mo:ça/é minha namorada"...está certo... agora... DEVe haver... uma o-ri-en-ta-ÇÃO neste sentido... (...)SE... ((estalando os dedos)) no meu tempo há cinquen:ta e tantos anos... chegasse um rapaz... com uma moça... e dissesse "papai esta é minha namorada"... ele apanhava na frente dela...e... talvez isso não acontecesse porque o pai da moça não permitiria... que ela viesse...né? de maneira alguma... não permitiria mas vamos admitir que houVESse... uma gran:de liberdade daquela um/ daquela moça... se ela chegasse e dissesse ao pai "esse é meu namorado"ela apanharia também... da me:sma maneira... (...)

(L. 204-267)

Ex. 4

Inf. aQui no Recife... até há vinte anos atrás... nós tínhamos... uma amizade muito grande entre os irmãos não é?... mas hoje há um individualismo tremendo... () os rapazes vivem para o seu lado... as moças vivem para o seu... e QUANdo se encontram... a maior parte das vezes é para brigar... né? vivem DIS-cutindo por dá cá aquela palha... qualquer coisa é motivo de discussão... (...) quando se vê um rapaz com uma moça pode dizer é uma namorada... e se vai o irmão com a irmã em geral é comprar remédio pra o pai (risos)) ou pra mãe que tá doente... não se vê mais esta união entre os irmãos...

(L. 321-343)

Nestes trechos da conversação, encontramos a informante projetando a sua identidade de faixa etária onde a categoria tempo percorre a construção dos tópicos, alterando-se entre o antes e o agora. O primeiro representa um período de vivência que possibilita a análise do presente e, por isso, torna-se mais importante para o falante, em função dos valores que, no julgamento de pessoas mais maduras, são superiores aos de hoje. O passado encontra-se expresso nos Ex. 3 e 4 pela marca temporal "há vinte anos atrás" e o presente pelas marcas temporais "hoje".

No exemplo 5, analisamos o diálogo nº 333 entre dois informantes (D2) que pertence ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto Nurc/SP), registrado em 07/04/1976 e com 57 minutos de duração. Esta entrevista tem como tema o cinema, a TV, o rádio e o teatro e como participantes duas mulheres (L1 jornalista e L2 escritora) de 60 anos, viúvas, paulistanas e com pais paulistanos.

Ex. 5

L2 e ficava desesperada de ter que apresentar números
ho/ ...hoRRÍveis quer dizer aquilo que não era não era
(

L1 não sabiam nada não é?

- L2 é horrível horrível ... e:: fi/ eu ficava desesperada
e todos os programas os programas comuns () de
adultos
- L1 ()
(
- L2 era era tudo improvisado ... tudo horrivelmente
improvisado... e hoje não hoje é um nível já você vê
todas ...
- L1 é

(L. 354-364)

Neste exemplo, observamos mais uma vez que o discurso da informante tem um ponto de referência no passado o que deixa explícito a projeção da identidade de faixa etária da informante, mas, diferentemente dos fragmentos anteriores em que há a presença do estereótipo: “os tempos antigos eram sempre melhores”, neste trecho encontramos a informante abordando um aspecto positivo do presente, ou seja, há a valorização de que hoje em dia os programas são mais planejados e não feitos na improvisação.

Os exemplos abaixo foram extraídos do diálogo nº 234 entre informante e documentador (DID) que pertence ao Projeto Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), registrado em 18/10/1974 e com 40 minutos de duração. Esta entrevista tem como tema o cinema, a televisão, o rádio e o teatro e como informante uma mulher de 44 anos, desquitada, nutricionista, natural de São Paulo com pai nascido em Itu (SP) e mãe nascida em São Paulo. Estes exemplos demonstram a linguagem da informante numa perspectiva de caráter psicológico individual, pois no depoimento a entrevistada comprova a idéia de que uma pessoa é tão velha quanto imagina ser. Foram coletadas em seu discurso marcas lingüísticas típicas de pessoas pertencentes a terceira faixa etária (a partir de 56 anos), na fala de uma informante pertencente a segunda faixa etária (36/55 anos).

Ex. 6

Inf. eu acho que o o o antigamente os cinemas ... o
ambiente era era outro ... a gente ia ao cinema tinha em
São Paulo tinha uns cinemas ótimos eu acho que aGora
o:: o pessoa::l sei lá eles vão de qualquer jeito ao cinema
do jeito que estão::... eles emendam saem do trabalho
vão ao cinema saem da escola vão ao cinema quer dizer
éh éh a gente encontra no cinema no ah ah ah para
assistir um filme vários éh grupos de pessoas de de de de
várias camadas... você encontra estuDANte você encontra
pessoa da iDAde... eu acho que eh o cinema perdeu
muito por causa da televisão...

(L. 542- 552)

Ex. 7

Inf. eu acho que o cinema está perdendo viu?... antigamente você ia no Cine Ipiranga eram umas poltronas ótimas tinha lá em cima você ficava bem acomodada hoje em dia se você depois passou uma época que você ia ao cinema tinha que ficar de pé numa fila eNORme... não é? (...) chegou uma época que o cinema estava assim há uns seis anos atrás ou oito agora não agora o pessoal parece que entra e sai é um burburinho ali no cinema entra e sai todo mundo e:: eu acho que diminuiu BEM o o o pessoal que vai a cinema... não sei o que eu noto é que os cinemas parece que não estão também... éh:: como antigamente que eram cinemas BEM LIMpos poltronas em ordem hoje em dia você vai ao cinema não não... não tem mais acomodações assim...

(L. 577- 597)

Nestes dois exemplos acima, percebemos claramente a intenção da informante de mostrar valores e fatos do presente (ir vestido de qualquer jeito ao cinema e enfrentar grandes filas) como opostos aos fatos do passado (cinemas e poltronas ótimos e bem limpos). Portanto, há nesse comportamento da falante uma contínua habilidade em montar sua estrutura tópica, não só como uma comparação, mas também como uma forma de crítica aos tempos modernos, evidenciando a sua identidade de faixa etária mais avançada e seguindo a fórmula “no meu tempo era diferente; no meu tempo era melhor”.

Ex. 8

Doc. 2 e no que diz respeito à montagem a senhora nota alguma diferença ou não?

Inf. hoje está tudo meio louco né? ((risos)) filmes doidos ...
 Al ... que horror assisti um filme ... era sobre droga ...
 eu não lembro o filme... de um rapaz e uma moto aquilo me chocou tremendamente ... assisti em Araraquara ... eu não lembro o nome do filme a molecada adorou ... e-les adoraram o filme ... umas CEnas DOldas ... eles tomavam entorpecentes e as cenas ah ah uma das cenas me chocou tremendamente eu eu saí de lá do cinema a::/ arrasada...
 passa-se no cemitério... eu não lembro o nome do filme ...
 foi tão comentado sabe? mas eu fiquei chocada eu disse “mas que filme vazio hein?”... achei horrível... outro filme que me chocou bastante também ... dada as cenas brutas de de de m/ de mata e mata que matou um mundo

de gente foi Bonnie and Clide eu acho que foi... não lembro faz tempo que assisti também mas aquele filme saí CANSAda do cinema outro filme ((risos)) ela RI... porque eu saio cansada mesmo eu fico numa tensão nervosa outro filme que eu fiquei também chocada e gostei muito ... foi:... O Destino de Poseidon ...um filme:... você assistiu?

(L. 374- 395)

Notamos que neste fragmento da conversação há um objetivo crítico direto. A informante mais uma vez introduz os defeitos da atual indústria cinematográfica e para isto a informante trabalha empregando na estruturação de seus tópicos na conversação estereótipos do tipo: os filmes de antigamente tinham mais conteúdo e eram menos violentos.

Observamos neste trecho que são duas as formas de tratamento utilizadas: “senhora”, para a informante e “você”, para a documentadora (a audiência). A forma de tratamento “senhora” empregada pela documentadora para a informante caracteriza um uso comum que mostra um nível de formalidade, refletindo evidentemente na linguagem que a documentadora tem um menor grau de intimidade com a sua informante.

Já no discurso da informante encontramos a forma de tratamento “você” que coincide com o uso mais comum e informal de nosso tempo e nos revela a hipótese de que a documentadora possa ser mais jovem que a informante.

Um outro aspecto que nos chama atenção, neste trecho, é a pergunta lançada pela informante no fim de seu discurso: “você assistiu?”, esse tipo de pergunta é considerada comum por Preti (1991) para saber se a documentadora tem conhecimento dos fatos mencionados, regulando, desta forma, a compreensão da documentadora.

Com estes exemplos constatamos que a idade é um tema bastante relativo, pois considerar uma conversa típica ou não de velho, não depende apenas da idade dos participantes, mas também de seu estado de espírito o que confirma a idéia de que a identidade de faixa etária não é fixa nem categórica, pois um indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes, dependendo de com quem se está interagindo.

3. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos mostrar como os recursos lingüísticos utilizados na atividade discursiva falada constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em entrevistas entre informante e documentador e entre duas informantes pertencente ao Projeto NURC/SP e ao Projeto NURC/RE.

Em vista do exposto, quisemos demonstrar que a identidade de faixa etária depende basicamente da categoria *tempo*, pois esta atua nessa linguagem como um elemento ordenador na elaboração do discurso, manifestando-se em dois pólos – o antes e o agora, com forte participação do primeiro, mais vivenciado, o que permitiu uma análise mais dirigida do segundo – visando às oposições desejadas entre passado e presente típico dos discursos pertencentes a uma faixa etária mais avançada, indivíduos de segunda e terceira faixa etária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOFFNAGEL, Judith C. (1999). Linguagem e a construção da identidade de gênero. In Kazue Barros (org). *Produção Textual. Interação; processamento; variação*. Natal, Editora EDURFN, pp.81-92.
- PRETI, Dino. (1991). *A linguagem dos idosos*. São Paulo, Contexto. 126.p.

